

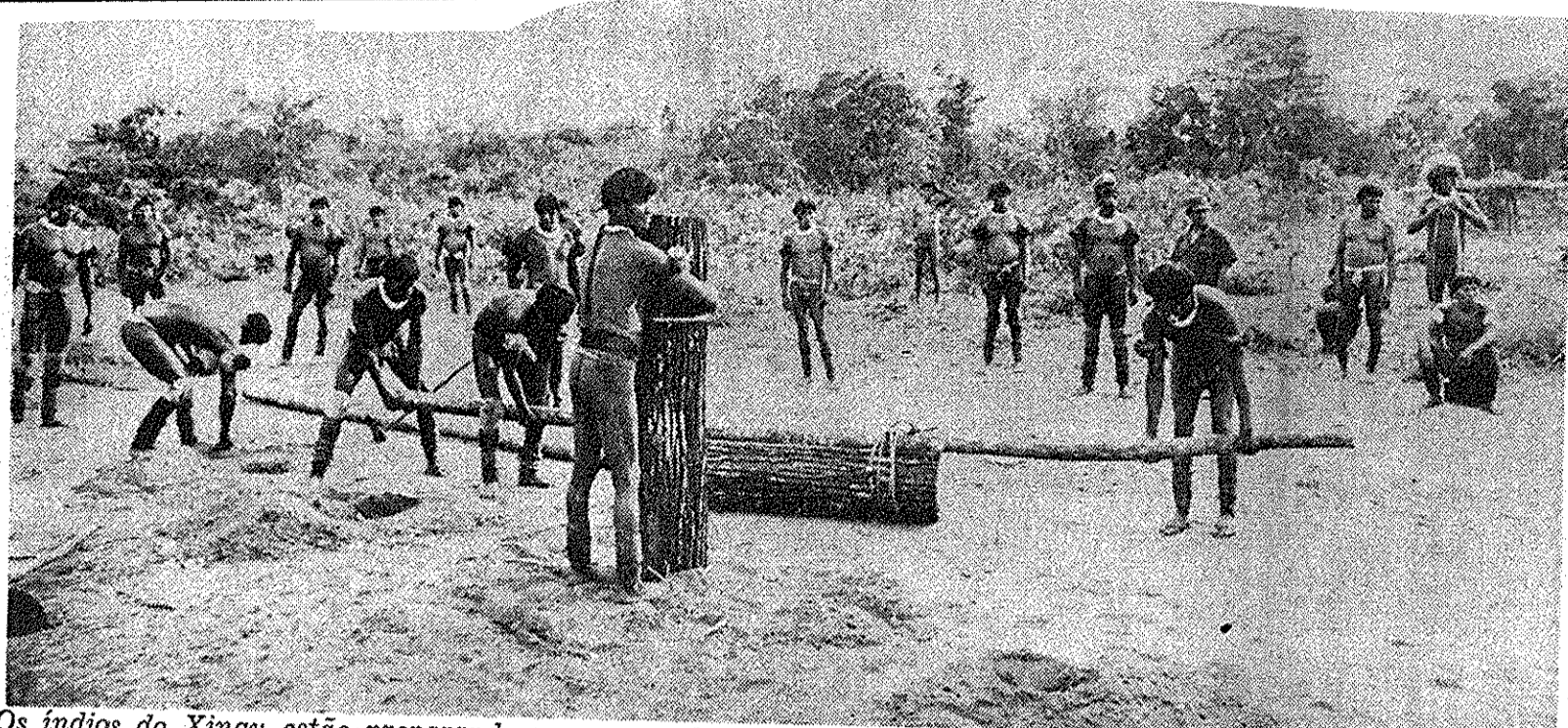
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil

Class.: 112

Data: 09/06/74

Pg.: _____



Os índios do Xingu estão preparando roças e malocas para receber os kreen-akarores do rio Peixoto de Azevedo

Mudança dos kreen-akarores segue o exemplo de caiabis

Edilson Martins

A transferência, marcada ainda para este mês, dos kreen-akarores do rio Peixoto de Azevedo para o Parque Nacional do Xingu repete, cinco anos depois, trabalho semelhante realizado com os índios caiabis, que foram retirados do rio Tatué, afluente do Baixo Arinos, ameaçados de extinção dado o contato indiscriminado com frentes pioneiras civilizadas.

Os índios caiabis foram conduzidos pelos irmãos Vilas Boas para o Parque Nacional do Xingu, em 1966, numa expedição que durou 40 dias, já que eles tiveram de recorrer a canoas, longas caminhadas e finalmente a um avião do Parasear, cedido pela FAP. Os 66 caiabis transferidos somam hoje mais de 220 índios saudáveis e com toda sua integridade sócio-cultural mantida.

Animação

O sertanista Cláudio Vilas Boas visitou recentemente os kreen-akarores, depois de quase dois anos que não se viam. Cláudio chefiou a expedição que durante 18 meses buscou contatar, e conseguiu, os índios kreen-akarores. Anos antes ele tentara esse contato, mas desistira por causa das imensas dificuldades. Os kreen-akarores se encontram atualmente nas margens da Rodovia Santarém—Cuiabá, um dos ramos do complexo da Transamazônica.

Quando Cláudio desceu na área onde se encontram os kreen-akarores a alegria dos índios foi total, conta o sertanista. Os índios receberam Cláudio com as honras de um grande capitão, e a partir daí não o largaram mais. O encontro foi tão emocionante que os índios queriam todos embarcar no pequeno monomotor que retornou com Cláudio. O sertanista teve de conversar demoradamente com os capitães kreen, com muita paciência, explicando que os 30 índios que se encontravam na despedida não poderiam viajar com ele, pois o avião não suportaria tanto peso.

Prometeu que brevemente um avião muito maior — Búfalo — capaz de conduzir um castanheiro cortado em pedaços, os levaria para o Parque Nacional do Xingu. Só então os 30 kreens decidiram não entrar no minúsculo monomotor. Tão logo voltou ao Parque do Xingu, Cláudio entrou em contato com os índios caiabis, que fornecerão as roças que vão garantir a alimentação, pelo menos durante os primeiros meses, dos índios kreens. A animação para receber os kreens está contagiando todas as tribos do

Sul do Parque, que no momento, discutem quase diariamente quais serão as festas da recepção.

Nomadismo

A transferência dos índios caiabis do rio Tatué, afluente do Baixo Arinos, em 1966, constituiu a primeira experiência no Parque do Xingu de fixação de uma tribo procedente de outra região. As tribos brasileiras, em sua grande maioria, a partir da descoberta do país, passaram a praticar um nomadismo, muito mais fruto da pressão de civilizados do que uma decorrência natural de seu desenvolvimento. Os caiabis, que foram contactados pelos irmãos Vilas Boas no começo da década de 50, estavam ameaçados de desaparecimento, dada a aproximação, cada vez mais estreita, entre eles e as chamadas frentes pioneiras de civilizados.

Até hoje parte dessa tribo vive nas margens do rio Teles Pires, mas todos longe da grandeza e autenticidade de antigamente. O pajé Prepori, ainda hoje vivo, ajudou a conduzir o seu povo para o Parque do Xingu, e foi mesmo um elemento decisivo no trabalho dos irmãos Vilas Boas. Os dois sertanistas, e mais Prepori, sua mulher e filho, andaram 40 dias, realizando o trabalho de transferência, que foi dos mais difíceis.

— Os seringueiros e os seringalistas — conta Prepori — não queriam que eu trouxesse os meus irmãos aqui para o Parque do Xingu. Ameaçaram me matar. Não desisti. Conversei com cada grande capitão, isoladamente. E eles resolveram vir comigo.

Prepori lembra que foram dias difíceis. Os índios se apegam muito à terra onde nasceram. Depois eles não sabiam os riscos que corriam, em contato permanente com seringueiros, gateiros e forasteiros. Prepori recorda que houve um instante em que um seringueiro, que estava usando o trabalho de um índio caiabi de forma escrava, colocou uma espingarda no seu peito, ameaçando matá-lo. Prepori olhou nos olhos do seringueiro e disse: "Eu não sou caraíba (branco) que tem medo de morrer. Índio é índio caraíba é caraíba."

A preparação

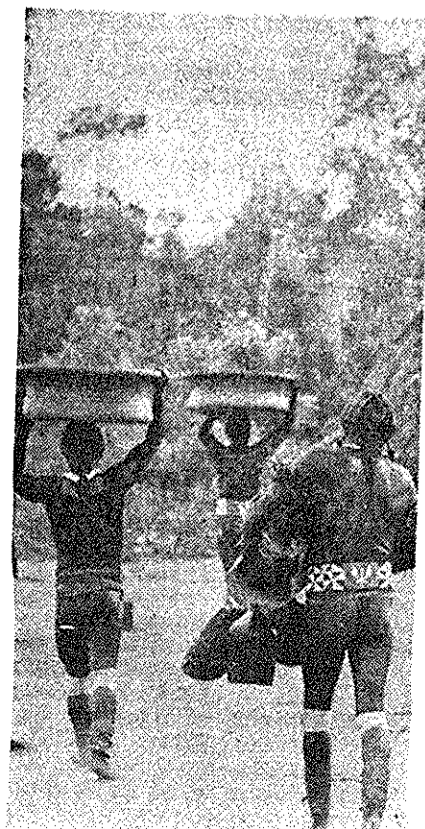
A transferência de uma tribo de uma determinada região para outra constitui até hoje uma questão polêmica. Alguns sertanistas e etnólogos apresentam algumas reservas, acentuando que

quando isso ocorre, provoca uma mudança nas condições naturais da aldeia, com consequências imediatas no universo cultural do índio. Esses estudiosos se esquecem de que o que se encontra ameaçado é a sobrevivência física do índio. O fundamental, no momento, quanto à sobrevivência do índio, é sua preservação física.

Os kreens atualmente se encontram nas margens da Rodovia Santarém—Cuiabá. Até homossexualismo, que eles em milênios de existência desconheciam, se denunciou entre eles, por culpa de civilizados. Depois passaram a estabelecer contatos com motoristas, trabalhadores em estradas e diversos grupamentos sociais, todos eles despreparados para qualquer contato com culturas indígenas. No Parque do Xingu eles entrarão em contato com 15 tribos diferentes. E isto é muito saudável, pois marca uma interação tribal, de que no momento eles muito precisam. Os caiabis, quando foram para o Xingu, não chegavam a 70, hoje somam mais de 220. A pergunta que se coloca é quem garante que nos próximos cinco anos, se tanto, os quase 200 kreens existirão como uma nação indígena, onde se encontram?

Um dos trabalhos mais delicados, na transferência dos kreens do rio Peixoto Azevedo para o Xingu, será a preparação dos grandes capitães da tribo. A atração dos grupos indígenas, até hoje, começa por impor um erro. Os índios ao entrarem em contato com os civilizados são atraídos por presentes, os mais atraentes. Isto inicia então um processo paternalista de relacionamento. É um erro. Não é correto dar qualquer coisa ao índio, sem nada lhe cobrar em troca. Ele não é uma criança. É um ser humano. Relação paternalista, até com criança, tem-se revelado desastrosa.

O índio possui trabalho, dispõe de um sistema sociocultural sólido, tem propriedades, bens. Chega o civilizado e lhe dá presentes, alimentos, impõe uma economia diferente quando não nova religião. Inicia-se um violento processo de desagregação. Os índios de uma tribo, havendo um harmonioso processo de integração, casam com índias de uma aldeia irmã. Isto tem acontecido sucessivamente no Xingu. Há um permanente intercâmbio sociocultural entre as diferentes aldeias. Os kreens, que se encontram isolados, vão agora, tão logo sejam transferidos, usufruir desse intercâmbio, o que certamente possibilitará que eles sobrevivam como nação.



Um grande moitirá (espécie de feira) é preparado para a chegada dos kreens



Este índio pertence à tribo Suiá, do mesmo grupo linguístico dos kreens